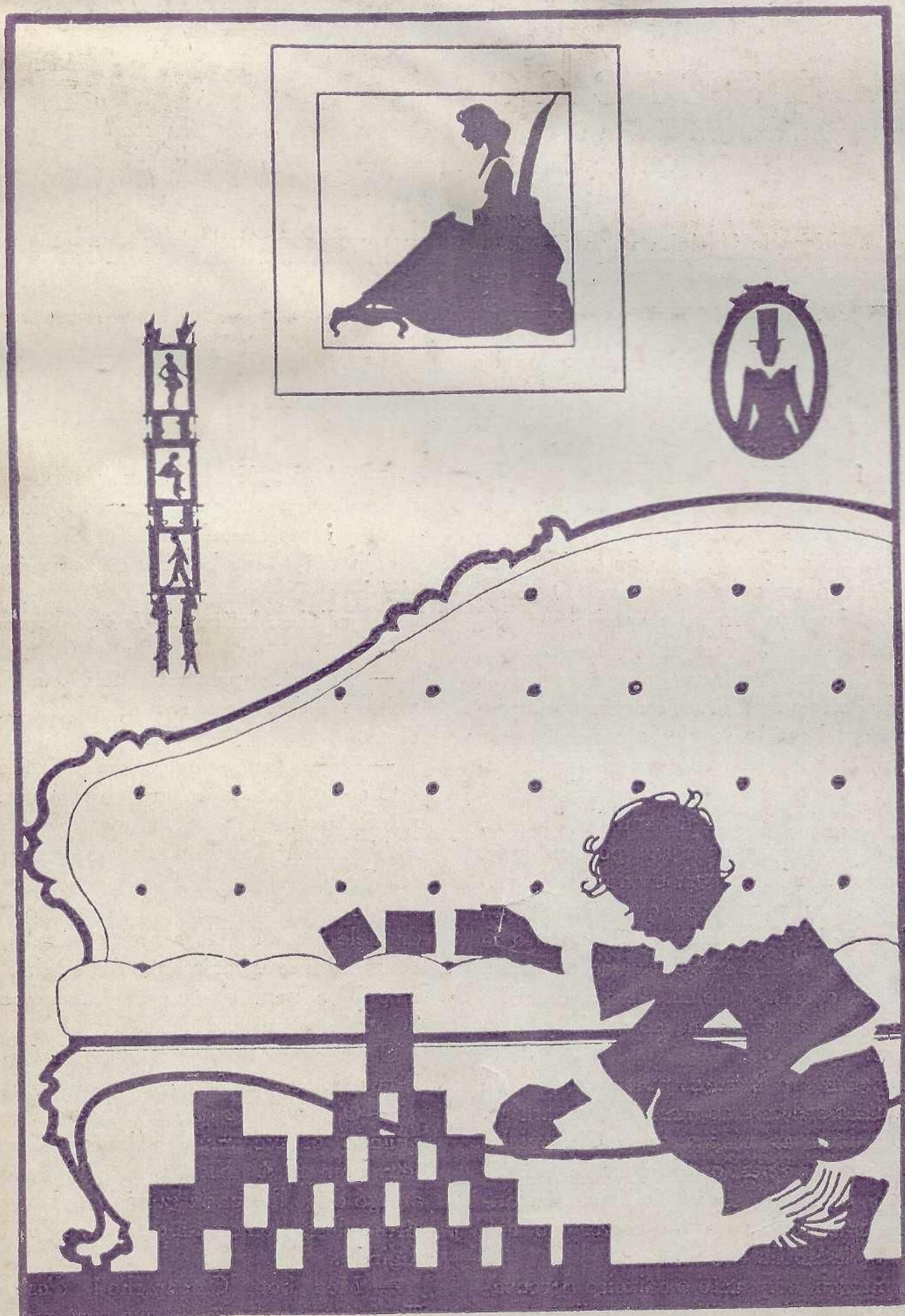
ANO XV NUM. 4

Bem-Te-Vi



Abril de 1937

A Memoria *de* Carrapicho



Carrapicho era um pônei castanho, gordo e luzente. Mas êle já tinha visto dias bem tristes, quando pertencia a um homem que bebia cerveja e cachaça sempre que tinha dinheiro no bolso.

O dono de Carrapicho gostava do pônei e tratava-o com brandura ; mas se entrava num lugar onde se vende agua ardente, adeus belas meneiras ! Então voltava para casa irascível, batia e dava pontapés no pobre animal e às vezes até o deixava passar fome e sede.

Finalmente o homem teve de acabar com a sua casa e tudo que possuia. O pônei, magrinho, fraco e coxo, foi vendido ao pai do pequeno Atilio. Seu pêlo, antes de um castanho brilhante, estava agora tão áspero e emaranhado que lhe deram o nome de Carrapicho. Com bom trato êle logo ficou outro — gordo, luzidio e alegre — mas o nome ficou.

Um dia, Atilio estava a caminho da vila, onde ia fazer umas compras para a mãe. Ela lhe dera sua bolsa, com uma nota de cinco mil reis e alguns trocos, que estava presa pela alça à cinta do menino. Enquanto ia pela estrada, Atilio imaginava-se o correio dos tempos coloniais, de cidade para cidade levando a correspondencia, como lhe contava o avô.

De repente um homem pulou de trás de uma moita e ordenou ao menino que parasse.

Atilio puxou as rédeas, mas Carrapicho não obedeceu e, quando o homem se aproximou mais , o pônei fugiu a toda brida, deixando o homem, exhausto de correr ao seu encalço, no meio da estrada.

No armazem, enquanto o caixeiro aprontava sua encomenda, Atilio contou-lhe o sucedido e um policia ali presente interrompeu a p[illegible] dizendo :

— E' êle. E' esse homem que estamos procurando. A noite passada ele agarrou um viajante e roubou-lhe o dinheiro. Hoje o gajo viu a sua bolsa e aproximou-se para tirá-la.

O policia afastou-se. Atilio disse ao caixeiro :

— Mas êle precisava tirar-me da sela, porque a bolsa estava amarrada à minha cinta.

— Teve sorte, replicou o caixeiro. Olhe que seria triste aventura cair nas mãos do tal homem.

A' noite Atilio contou tudo ao pai e perguntou-lhe :

— Mas papai, porque Carrapicho disparou daquele jeito ? Ele sempre deixa que desconhecidos se aproximem e lhe façam agrados, mas hoje nem obedeceu quando eu gritei "Oa ! " e puxei as rêdeas.

O pai de Atilio deu uma risadinha e mostrou o jornal da tarde ao menino, dizendo :

— O jornal diz que esse homem foi preso quando estava meio bêbedo. Carrapicho tem bom faro. Ele se recorda de como o antigo dono lhe batia quando tinha o mesmo cheiro dêsse homem na estrada, e defendeu-se fugindo.

— Meu bom Carrapicho ! disse Atilio. Ele foi mais esperto de que eu ; mas noutra vez que eu encontrar um desconhecido, hei de examiná-lo com os olhos *mais* o nariz !

Bem-Te-Vi

Matriculado conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934.

ANO XV N.º 4
REVISTA MENSAL

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: Nancy R. Holt
Adelina de Cerqueira Leite
Desenhista: Celia Rocha Braga

São Paulo, Abril de 1937

Gerente responsavel: Servulo C. Sant'Anna
Sub-Gerente: Fernando Buonaduce

Vocação

Quando está minha botina
precisando de remendo,
é comigo : vou correndo
ao sapateiro da esquina.
Digo o que quero.
Ele parece severo,
olha-me, não fala nada ;
mas eu sei que é camarada,
só que tem a boca cheia
de uns preguinhos bem pequenos.
Tirando os tais, diz-me assim :
"Sola inteira — dez mil réis".
Mas o preço, isso é o de menos
para mim.
Enquanto proseamos, vejo
todo um tesouro :
fiapos de couro, que sáem da sola,
vidros de cola, um furador,
martelo... Ah, o que almejo
é ser um dia senhor
do meu nariz
e sapateiro feliz !



UM AMIGO URSO

Um dia, quatro coelhinhos disseram para sua mãe, D. Fungona, que estava varrendo a casa :

— Era muito melhor se nosso irmãozinho Zip não brincasse com aquele malcriado do Xute !

Xute era uma criaturinha côr de lama que morava ao pé da lagoa dos sapos. Ele tinha olhos grandes e pretos, dois chifrezinhos de cabra e uns modos muito feios.

— Ele e Zip jogam lama em todos os animais que passam, disseram Zás e Trás, irmãos de Zip.

— Ontem eles emplastaram a nova sáia azul de D. Ouriça, disseram Sara e Cura, irmãs de Zip.

Os quatro Fungõezinhos ficaram alí, esperando ansiosos que sua mãe falasse alguma coisa sobre a peraltagem de Zip.

Mestre Fungão disse :

— Quando eu trepei ôntem na chaminé de fungação, senti uma coisa muito exquisita no ar. Era malcriação, pela certa. Baforadas daquilo entravam pelo meu nariz como fumaça.

— Tudo isso é uma maçada, disse D. Fungona. Esse Xute é mesmo ruinzinho. Preciso tomar providencia. Façam o favor de chamar Zip aquí, ela pediu às crianças.

— Ele vai levar um pitaço, cochicharam os coelhinhos entre si, saindo aos pulinhos.



Eles estavam contentes ; pensavam que Zip merecia aquilo. Foram correndo buscá-lo na lagôa. Zip estava muito sujo, atirando bolas de lama com Xute.

— Zip, mamãe está chamando! gritaram juntos seus irmãos e irmãs.

Zip não estava com muita vontade de ir. Mas ele disse :

— Está bem.

E foi correndo para casa. Dona Fungona ainda estava varrendo a casa. Zás, Trás, Sara e Cura ficaram alí perto ; eles queriam ouvir o que a mamãe ia dizer para Zip. Esperavam que ela fechasse a cara felpuda, que era em geral tão bondosa. Mas não foi nada assim. Em vez disso, ela olhou para Zip e perguntou :

— Zip, você gosta muito de Xute, não é ?

— Gosto, sim ; ele é o meu melhor amigo, disse Zip, dando uma olhadela para os irmãos e irmãs.

— Quer convidá-lo a jantar conosco ?

— Quero, sim, disse Zip.

Então diga para ele estar aqui às seis da tarde, disse-lhe a mãe. Agora vá correndo convidá-lo.

— Já vou, disse Zip, que saiu correndo, todo contente.

A's seis horas daquela tarde, a familia dos Fungões estava reunida no buraco que lhes servia de casa. Zip ajudava a pôr a mesa. De repente houve uns raspões fortes na porta pequenina.

Mestre Fungão ergueu os olhos do jornal.

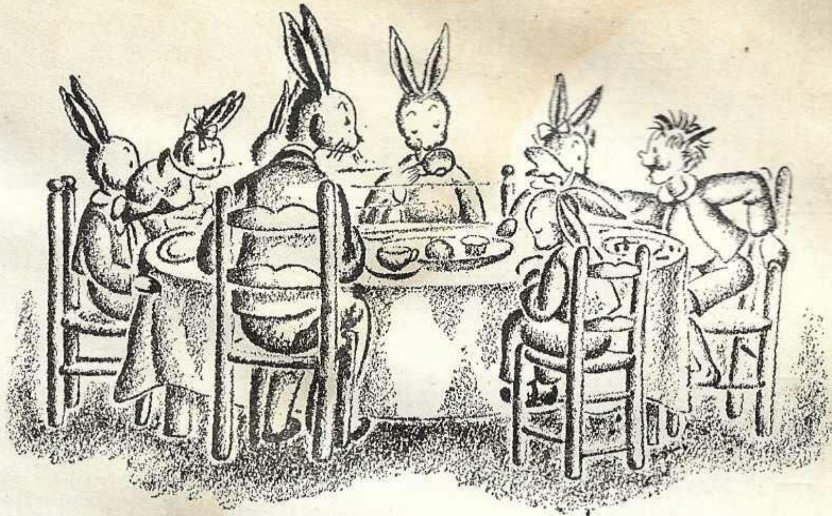
— Que bulha é essa ? ele perguntou.

— E' o meu amigo, o Xute, disse Zip, indo abrir a porta.

— Boa tarde, disse Zip.

Mas Xute entrou batendo os pés e não disse uma palavra. Estava todo enlameado ; nem mesmo lavara o rosto.

— Boa tarde, Snr. Xute.



Temos muito prazer em vê-lo, disse Mestre Fungão.

— Hum-m-m ? perguntou Xute, bufando.

Todos os coelhinhos deram risadinhas — todos, menos Zip. Que modos tão feios eram aqueles!

— Eu disse que temos muito prazer em vê-lo, repetiu Mestre Fungão.

— Hum, resmungou Xute, vocês têm, é ? Onde é que eu me vou sentar ? Que cadeira é a mais cômoda ? Ah, é aquela em que está o pai de Zip. Vou-me sentar nela. E' melhor o senhor sair daí.

E ele atravessou a sala e começou a se esfregar contra Mestre Fungão, sujando-o de lama.

Mestre Fungão ficou muito admirado e deu uma olhadela rápida para D. Fungona. Esta respondeu com um sinal da cabeça. Então ele se ergueu e deixou a cadeira para Xute.

Xute sentou-se e pôs os pés no espaldar da cadeira.

— Tomára que haja bastante comida, ele disse a D. Fungona, porque estou morrendo de fome.

— Estou fazendo panquecas, disse-lhe D. Fungona com toda a calma, como se ele tivesse falado uma coisa bonita.

— Então, cuidado para não queimar, tornou Xute. Detesto panquecas queimadas. E ponha bastante melado na mesa. Se fôr pouco, é melhor darem tudo para mim.

— Uhhhhhh ! murmuraram todos os coelhinhos — todos, menos Zip.

Este continuou a pôr a mesa, mas suas orelhas mexiam muito depressa, como se estivesse pensando.

Pouco depois D. Fungona disse :

— Podemos sentar-nos agora. Zip, seu amigo ficará ao lado de você.

Todos se sentaram com pequeno arrastar de cadeiras. Zip parecia um pouco aborrecido, como se não estivesse gostando de ter Xute ao seu lado.

— As panquecas parecem bem regulares, disse Xute, examinando-as. Eu quero dez.

E segurando numa das mãos o garfo e na outra a faca, ele fisgou dez panquecas, uma atrás da outra.

— Uhhhhh ! murmuraram todos os coelhinhos, pondo-se às risadinhas.

Mas D. Fungona abanou a cabeça para eles.

— Passe o melado, Zip, disse Xute. Depressa — antes que alguem tire.

— Olhe aqui... principiou Zás.

Mas D. Fungona cortou logo :

— Zás, faça o favor de se sentár ! Zip, passe o melado ao seu amigo.

Zip obedeceu, de cabeça baixa. Ele nem olhou para Xute.

— Hum-m- — marmelada ! disse Xute mais tarde. Mas como é branca! Nem dá gosto ver.

E o jantar continuou assim desagradavel.

No fim de tudo, depois de Xute estar estufado de tanto comer em bocados enormes, que mastigava com ruído, ele atirou o guarda-napo para o outro lado da mesa, bem no nariz de Trás, e disse:

— Upa, por hoje chega ! Hei de vir aqui sempre que me convidarem, e quero que cada vez a comida seja melhor. Mais panquecas, mais melado e marmelada com mais côr. Agora eu vou indo — não ; primeiro vou tirar uma sonéca na cadeira grande.

Então sentou-se lá e fechou os olhos. Abriu a boca enorme e começou a roncar alto. Xute fazia uns barulhos horriveis, às vezes como grunhido de

porco, como rosnadura de cachorros e até como berros de crianças quando apanham. Sara e Cura tiveram de encher a boca com o avental para não rir alto. Zás e Trás queriam acordar Xute, mas a mãe não permitiu.

Algum tempo depois ele acordou por si, deu um pulo tremendo dalí, espreguiçou-se com um berro arrastado e bateu os pés. Depois disse :

— Bem, já estou farto disto. Deixe de ajudar sua mãe com a louça, Zip, e vamos chupar jaboticabas na árvore.

— Acho que não posso, disse Zip.

— Você pode sim, Zip, disse D. Fungona. Eu me arranjo bem sem você.

Zip saiu, mas um tanto aborrecido. Xute bateu a porta atrás.

— Que criatura horrivel, disse Sara.

— Ele nem disse que gostou do jantar, acrescentou Cura.

D. Fungona avisou :

— Mas façam o favor de não dizer uma palavra sobre ele, quando Zip voltar.

— Está bem, prometeram os coelhinhos.

— Que tal o Xute, tomando a cadeira de papai, eh, mamãe ? perguntou Zás.

— E atirando o guarda-napo no meu nariz, disse Trás.

Zip voltou logo. Tinha ido até a arvore e voltado correndo. Ninguem falou nada de Xute — nem uma palavra.

— Quem vai guardar a louça para mim ? perguntou D. Fungona.

— Eu, mamãe ! disse Zip.

— Então os outros podem ir brincar fóra, disse D. Fungona.

Ela sabia que os filhos estavam louquinhos por falar no Xute.

Zip guardou os pratos no armário. Depois virou-se e disse, olhando bem para a mãe :

— Porque a senhora convidou o Xute para jantar ? Viu só que coisa ? Ele meteu a marmelada na boca com a mão e chupou o dedão — de propósito ! E quando iamos comer jaboticabas, ele me disse que a senhora não sabe fazer panquecas. Eu fico admirado — a senhora convidá-lo para jantar ! E ainda por cima chamá-lo meu *amigo* — Amigo Urso !

D. Fungona pôs o avental diante do rosto para não mostrar que estava rindo.

— Está certo, ela disse. Uma vez que você não quer, não vou convidar mais o Xute.

idéias ótimas



Hugo e Flora tiveram ao mesmo tempo uma idéia sublime. Foi na Escola Dominical, quando a professora estava falando sobre as dez crianças que havia no pavilhão infantil do hospital.

— Vamos levar um presente para cada uma, lembrou Flora.

— Nós somos justamente dez ! exclamou Hugo. Cada aluno se encarregará de um.

E' tão agradavel fazer pacotes com papel que faz barulho, Flora disse, rindo-se.

— E o barulho de desembrulhar, então ? acrescentou Hugo.

— O que havemos de levar ? perguntaram as outras crianças.

— Eu tenho dez tostões no meu cofre, disse Celso.

— E eu dois mil e quinhentos no bolso, disse Anita, agitando a carteirinha.

Então como Hugo e Flora ficaram atrapalhados ! Uma coisa é ter uma idéia ótima e outra é realizá-la. Porque a verdade é

que Hugo e Flora não tinham tostão, nem um para remedio. Como poderiam comprar presentes?

— Nós não vamos pedir dinheiro à mamãe, Flora falou com decisão, quando estavam voltando para casa.

Ela sabia como era escasso o dinheiro na bolsa da mãe.

— Nem por sombras, concordou Hugo, muito sério. Ele tambem sabia daquilo.

Mas então Hugo teve outra idéia.

— Já sei, êle exclamou. Nós precisamos ganhar dinheiro.

— E' verdade, Hugo! Você sempre tem idéias ótimas, disse Flora, satisfeita. E eu que não pensei nisso!

No dia seguinte, depois da escola, Flora tocou a campainha da casa de D. Mercedes.

— D. Mercedes, a senhora quer que eu tome conta de seu nené? ela perguntou.

— Quero sim, Flora, respondeu D. Mercedes; eu tenho mesmo tanto que fazer.

Então Flora empurrou o carrinho do nené para cima e para baixo da rua. O nené era lindo e a menina gostou de tomar conta dêle. Ela pensou:

"Talvez D. Mercedes me dê uns dez tostões para eu comprar meu presente."

Quando chegou a hora de recolher o nené, D. Mercedes já a estava esperando à porta.

— Como você é boazinha, Flora! ela disse. Aqui estão uns retalhos para você fazer roupinha de boneca.

E D. Mercedes entregou à menina um rolo de retalhos de cores alegres.

— Muito agradecida. São lindinhos, disse Flora, esforçando-se por não mostrar que tinha pensado em dinheiro.

De volta para casa, encontrou Hugo.

— Você ganhou dinheiro, Hugo? perguntou Flora.

— Eu fui ajudar a servir na mercearia do Snr. Mateus, Hugo respondeu, e ele me deu essas duas laranjas. Esta é para você. Eu gosto de fazer serviços para os outros, mas não de pedir-lhes a paga. Porisso precisamos lembrar um outro meio para comprarmos os presentes.

No dia seguinte Hugo e Flora tiveram duas idéias esplendidas, que os trouxeram ocupados até a hora do jantar.

— Venha ao porão vêr o presente que eu fiz, disse Hugo.



E os dois desceram para o porão.

— Que lindo, Hugo! gritou Flora, batendo palmas.

De um pau de lenha Hugo tinha tirado cuidadosamente a casca, de modo que saisse inteira. Depois, de uma das pontas do pau serrou dois pedaços de um dedo de grossura e pregou um de cada lado da casca, com tachas grandes. Formou assim um barco de fundo curvo e pontas chatas. Então Hugo plantou dentro dêle gerânios vermelhos.

— E' um presente lindo, disse Flora. Agora venha ver o meu.

Sobre a mêsinha de Flora estava uma linda caixa. Hugo a conhecia. Era nela que a irmã costumava guardar os lencinhos.

— Mas espere só ver o que ha aqui dentro, disse Flora, agitada.

Então ergueu a tampa. Flora tinha pregado a capa colorida de uma revista em papelão, e depois cortado em vinte pedaços irregulares.

— E' uma boa distração, disse Flora.

— Otima! exclamou Hugo, tentando juntar os pedaços em ordem.

— E é tão bonito quando está tudo pronto, disse Flora. Você acha que a criança que receber isto vai ficar contente?

— E' claro, respondeu o irmão. Ela se distrairá muito compondo isto.

— Ah, Hugo, disse Flora, nós não temos mesmo idéias ótimas?

— Se temos! Hugo concordou, satisfeito.




*U*m *P*asseio *A*trapalhado

— Mamãe, disse Alda, nós vamos passear com o Dr. Justo! Ele convidou-me e a Mira para darmos uma volta de automovel hoje à tarde.

— Que bom! disse a mamãe. Vocês vão-se divertir. A que horas vai ser?

— A's tres. Mira virá em casa e o Dr. Justo passará por aqui.

Mira veiu bem adiantada. Ela e Alda estavam aflítas pela chegada do Dr. Justo. Quando um carro parou na frente, as duas meninas correram para lá, gritando:

— Ele chegou!

Mas em vez do medico eram Olivia e Gilda, as priminhas de Alda, que vinham passar a tarde com ela. Seu pai trouxera-as de automovel e partira em seguida.

— Nós não vamos brincar com Olivia e Gilda, disse Mira. Já é hora de irmos passear.

Alda ficou atrapalhada. Ela gostava de Olivia e Gilda.

— Elas podem ir conosco, disse Alda.

— Mas isso não seria delicado, tornou Mira. Elas não foram convidadas.

— Eu as convido, disse Alda.

— Você não póde, retrucou Mira; só o Dr. Justo.

— Vou falar com mamãe, resolveu Alda.

As duas priminhas tinham entrado para cumprimentar a mamãe de Alda. Quando voltaram ao jardim, Alda foi falar com a mamãe.

— Você não pode convidar as suas priminhas, minha filha, disse-lhe a mamãe. Só o Dr. Justo pode fazer isso.

— Mas o Dr. Justo não sabe que elas estão aqui, mamãe.

Olivia e Gilda brincavam de *péga-péga* no quintal, com o cãozinho da casa. Mira entrou e segredou para a amiguinha:

— Alda, nós podemos muito bem ir. Olivia e Gilda que fiquem brincando sòzinhas até voltarmos.

Alda não queria deixar assim as primas, mas tambem não queria perder o passeio.

— O que havemos de fazer, mamãe? ela perguntou.

— Imagine que você estivesse passando uma tarde com Olivia e Gilda, disse a mamãe. Gostaria que elas fossem embora, deixando-a só?

— Não, mamãe. Isso não seria delicado.

— O Dr. Justo convidou a vocês duas. Pode ser que o automovel dele já esteja cheio de outras crianças. Além disso, quando somos convidados a alguma parte, não pedimos para levar nossos amigos. A pessôa que convida é quem escolhe seus hospedes. E agora, o que acha que deve fazer?

— Ficar em casa e brincar com Olivia e Gilda, respondeu Alda, desapontada. Então é melhor eu telefonar ao Dr. Justo.

A mamãe fez a ligação e Alda falou:

— Dr. Justo, nós não podemos ir passear hoje porque somos muitas crianças.

—Como assim? Não estou entendendo, disse o Dr. Justo.

Então a mamãe teve de explicar que Alda tinha visitas e que sentia não poder ir passear.

— Eu não devo falar nisso a Olivia e Gilda, não é, mamãe? Elas ficariam sem jeito. Vou dizer a Mira que não fale nada, tambem, disse Alda.

Alda parecia alegre quando voltou para

brincar com as outras crianças, apesar de que no fundo do coração ela desejava que o passeio ficasse para outro dia.

Nisso o carro do Dr. Justo parou em frente.

— Quantas vocês são? perguntou ele. Só quatro? Ora, gostaria que fossem doze! Pulem dentro do automovel.

As crianças fizeram um esplendido passeio e na volta o Dr. Justo parou diante de uma confeitaria e comprou para elas sorvete e doce.

— Foi um passeio do outro mundo, mamãe, contou Alda, em casa. Que bom que Olivia e Gilda estavam conosco — e o Dr. Justo convidou-as por si mesmo!

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

Pudim de frutas cristalizadas

½ litro de leite.
4 ovos.
10 palitos francêses.
250 gramas de frutas cristalizadas, sortidas.

Bata bem os ovos e misture com os palitos francêses triturados e as frutas cristalizadas picadas. Ferva o leite com uma fava de baunilha e despeje em cima dos ovos, mexendo bem.

Unte com calda uma forma e despeje o creme dentro. Asse em banho-Maria.

Sirva com môlho de baunilha.

Souflé de semolina:

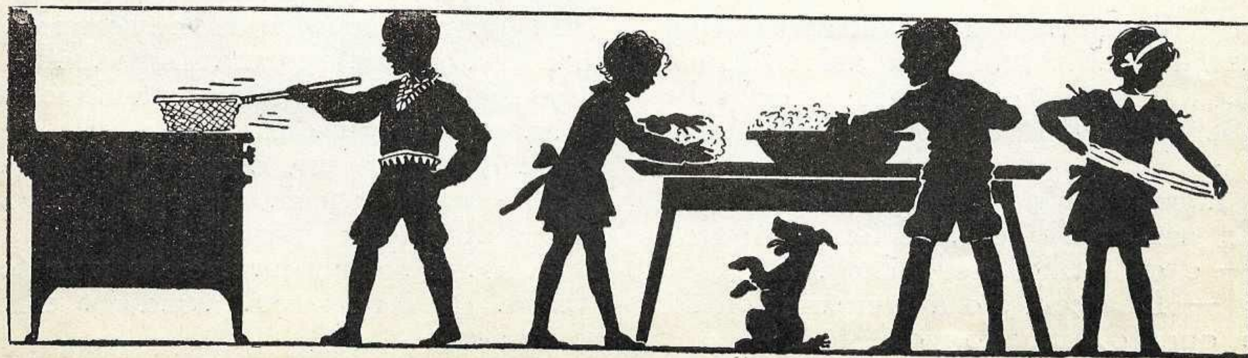
1 copo de leite.
1 colher de semolina.
1 colher de chá de manteiga.
½ colher de chá de sal.
1 ovo.

Cozinhe a semolina no leite com a manteiga e o sal. Deixe esfriar e acrescente a gema. Bata a clara em ponto de neve e misture tudo bem. Asse em forno quente mais ou menos 30 minutos.

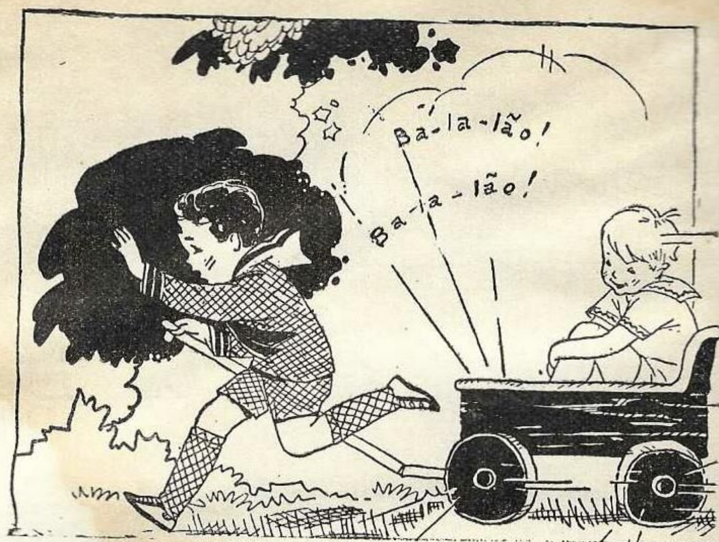
Bolinhos de aveia

2/3 de copo de manteiga.
1 copo de açúcar.
2 ovos.
¼ de copo de leite.
2 copos de aveia "rolled".
2 ½ copos de farinha.
1 colher de chá de fermento inglês.
½ colher de chá de sal.
1 colher de chá de canela.
1 colher de chá de nóz moscada.
1 colher de chá de passas sem sementes e picadas.

Bata a manteiga até ficar espumosa. Acrescente o açúcar, os ovos bem batidos, o leite e a aveia. Misture, passe em peneira os ingredientes secos e acrescente aos outros, misturando bem. Pingue os bolinhos com colher em uma assadeira bem untada com manteiga e asse em forno quente. Esta receita deve dar mais ou menos 35 bolinhos.



LELIO *compra alegria*



Lélio ia rua abaixo, mãos nos bolsos, assobiando como um passarinho. Alguma alegria expressava-se assim pelo sopro entre os labios contraidos Da mesma forma a altivez com que sustentava a cabeça imprimia-lhe um ar feliz.

Ao meio do quarteirão encontrou outro menino. Decio, porém, não tinha nada de alegre. Trazia o boné enterrado até os olhos e a cara fechada. Andava com indolencia, como fazem os meninos quando vão a alguma parte de má vontade. Quando Lelio interrompeu o assobio para um jovial "Bom dia, Decio!", o seu "Olá, Lélio" arrastou-se com enfado.

— Onde você vai, Lélio ? perguntou Decio.

Lélio tinha mesmo o ar satisfeito de quem vai fazer um bom negocio.

— Vou à loja, respondeu Lélio, fazendo tilintar alguma coisa no bolso direito.

— O que vai comprar ? perguntou Décio.

— Eu vou . . .

Lélio parou fazendo uma careta provocante.

— . . . vou comprar um aniversário !

— Comprar um aniversário ! Que asneira tamanha ! Seu aniversário é em Setembro, como o meu, e você sabe que não pode *comprar* aniversários.

— Eu não disse que era para mim, e a gente *pode* comprar uma *celebração* de aniversário quando tem dinheiro ! — e eu tenho, Lélio declarou.

— De quem é o aniversario, então, e quanto dinheiro você tem ?

— E' o aniversario de Nino, já que você quer saber. Faz cinco anos hoje. E eu tenho dez tostões que ganhei trabalhando, e vou gastar com o Nino.

— Dez tostões ! Hum, você não póde comprar nada com isso ! disse Décio com pouco caso. Eu tenho aqui no bolso dez tostões, mas não vou gastá-los porque não dão para nada mesmo.

— Talvez não dêm mesmo porque você não sabe gastar, respondeu Lelio com um ar de sabedoria que dominou o desdém de Décio. Mas você vai ver como *eu sei !*

E continuou o seu caminho assobiando alegremente, enquanto Décio se foi com moleza, segurando a moeda desprezada e desejando que fosse uma nota de cinco mil réis. Com *cinco mil* réis, sim, comprava-se alguma coisa!

Mas Lélio compreendia o valor verdadeiro de dez tostões. Logo depois voltava correndo para casa com uns pacotinhos escondidos debaixo do paletó e entrava pela porta da cozinha, todo agitado. A familia compunha-se dele, da mamãe e de Nino, porque o pai estava fóra procurando trabalho. Isso significava que não havia dinheiro para gastos extraordinários ; mas Lélio achava que um aniversario devia ser celebrado, especialmente o de Nino, tão alegrinho e querido.

A mamãe sorriu para ele, enquanto tirava do forno uma assadeira com biscoitos.

— Chegou na hora, filho, ela disse. Mandei Nino lavar as mãos para eu poder embrulhar a blusa de malha que tricotei para ele e pôr no seu lugar. E' um presente prático, mas eu gostaria de ter podido fazer um bolo com coberto branco.

— Espere e veja o que eu comprei, Dona mamãe, disse Lélio.

Ele costumava chamá-la assim quando estava muito alegre. A senhora deixe tudo e vá ficar com Nino até eu os chamar.

— Que segredos são esses, Lélio ? ela perguntou, rindo muito dos ares tão misteriosos do menino, mas saindo da sala, como êle tinha pedido.

Quando Lélio chamou, Nino disparou para a sala de jantar e correu para o seu lugar na mesa. Então com a boca e os olhos expressou dois grandes Os de admiração. Havia um pacote amarrado com fita vermelha, para explorar, e um bolinho com coberto branco, tendo ao centro uma velinha vermelha que brilhava alegremente.

— Oh ! gritou Nino com delícia. Que lindo este bolo !

— Eu não pude comprar cinco velas, Nino, Lélio disse ; mas ao menos esta é vermelha.

— Lélio, não há quem possa com você ! exclamou a mamãe com admiração.

Com setecentos réis Lelio tinha comprado um pequeno pão de lot com coberto branco. A velinha do meio tinha sobrado da festinha do Natal. E assim foi aranjado um bolo de aniversário.

Nino deu na mãe um grande abraço pela blusa azul e outro em Lélio, pelo bolo lindo. Quando virou o seu prato, encontrou em baixo tres tabuinhas de chocolate, que tinham sido compradas com os ultimos tres tostões de Lélio. Uma era para Nino mesmo e as outras duas êle ofereceu, muito orgulhoso, à mamãe e Lélio.

Vocês não podem imaginar quanta alegria Lélio comprou com os seus dez tostões. Quanto à moeda de Décio, ficou descoroçoada da vida e escorregou por um buraquinho do seu bolso.

O Jogo dos Animais



Este jogo é francês. Um grupo de crianças forma um círculo. Uma é vedada e posta no centro. Então as outras crianças trocam de lugar. Uma delas vai para o centro. A criança vedada têm de pegá-la e depois pedir-lhe que imite algum animal. Ela pode mugir, latir, grasnar, miar, enfim, emitir qualquer som peculiar aos animais. Nenhuma outra palavra deverá ser pronunciada para identificar aquele "animal". A criança vedada deverá adivinhar o nome da criança que pegou. Pode pedir que faça o barulho de tres diferentes animais. Se não o consegue, continuará a ser o pegador até acertar com o nome de uma criança, que será então vedada por sua vez.

João Poltrão e João Audaz





Eram uma vez dois meninos chamados João Poltrão e João Audaz. Mas não eram nada parecidos — nem um pouquinho.

João Poltrão tinha medo de tudo — de tudo, mesmo! Era tão medroso que até ficava assustado com a sua propria sombra.

João Audaz, ao contrario, não tinha medo de nada — de nada neste mundo!

Um dia as mães dos meninos disseram que êles podiam brincar juntos. João Audaz correu para o quintal de João Poltrão e logo perguntou:

— O que você está fazendo aí, com essa cara tão assustada?

João Poltrão disse:

— Ai, ai! Você está vendo essa coisa escura no chão que corre atrás de mim quando eu brinco ao sol? Ela não me deixa! Eu tenho medo dela! Ai, ai! O que eu vou fazer?

João Audaz replicou:

— Ora, pois isso é a sua sombra, João Poltrão! Naturalmente que vai atrás de você quando está brincando ao sol! Olhe, eu tambem tenho uma.

— Ai, ai! gritou João Poltrão. Eu tenho medo da sua, tambem! E' maior do que a minha — ai, ai! O que eu vou fazer?

E êle começou a chorar e tremer todo. Então João Audaz disse:

— Deixe de tolices e de ter medo de tudo. Vamos brincar. Todo o mundo tem sombras. Não é preciso ter medo delas.

E João Audaz contou para João Poltrão que as sombras são feitas pela luz.

Pouco a pouco João Poltrão já não se importava mais com a sua sombra. Porém êle não queria brincar nada do que João Audaz lembrava. Sabe porque? E' que João Po trão tinha medo de correr porque podia cair. Tinha medo de pular porque podia levar um tombo. Tinha medo de entrar no capim porque podia uma abelha voar lá. Tinha medo até de mexer do lugar porque podia acontecer alguma coisa! Imagine só!

João Audaz começou a mostrar para êle que não havia razão para ficar assim com medo de tudo. E falou, falou nisso muito tempo, para fazer João Poltrão perder o medo. Mas por fim êle disse:

— Está bem, João Poltrão, eu não gosto de meninos que têm medo de tudo. Vou para casa brincar sòzinho no meu quintal.

E êle deixou João Poltrão parado no meio do quintal, sem saber o que fazer, de tanto medo de ficar sòzinho. João Audaz foi para o outro quintal. Ele não tinha medo de sombras, nem de ficar sòzinho. Porisso é certo que ia passar o tempo bem divertido.

Para falar a verdade, se fosse eu, preferia brincar com João Audaz a brincar com João Poltrão, você tambem não acha? Eu não queria ser *covarde*, e nem *você*, não é mesmo?

Na Casa de Filhinha

Filhinha era o nené da casa. Ela estava sentada dentro do caixote grande, onde costumava brincar. Filhinha estava cansada de agitar o chocalho e de morder a boneca de boracha.

A mamãe ocupava-se cortando biscoitos em forma de estrelas. Cassio ficou no fim da mesa da cozinha, contando os biscoitos que a mãe enfileirava na assadeira.

— Filhinha está cansada de brincar só, disse a mamãe. Você pode tomar conta dela por um pouco, Cassio ?

— Posso, sim, respondeu Cassio. Logo vou fazer seis anos !

Filhinha parou de choramingar quando Cassio chegou perto. Ele ficou atrás de uma cadeira e disse :

— U-u-u !

Filhinha gostava daquilo. Ela riu e bateu palminhas. Cassio repetiu isso bastante tempo. Depois brincou que era um gato. Foi de quatro até o caixote e gritou :

— *Miau ! Mi-a-a-au !*

Filhinha queria falar *miau* tambem, mas não acertava ; porisso só dava uns gritinhos e ria, ria.

Nisso, como os biscoitos já estavam prontos, a mamãe foi dar banho em Filhinha.

Filhinha gostava da agua morna. Mesmo quando ela espirrava agua na cara, não chorava. Achava até engraçado.

Cassio ajudou a vestir a irmãzinha. Deu para a mamãe a lata de talco, a camisinha limpa e o vestidinho de salpico.

Nessa hora o papai chegou do serviço. Cassio ouviu os passos dele na escada da frente. Correu para abrir a porta e dar um abraço forte no papai. O papai segurou Filhinha enquanto a mamãe arranjava a sua sopinha. Ela estava ficando com sôno e abraçou-se toda ao papai, que cantarolava na cadeira de balanço.

Quando a sopinha ficou pronta, Filhinha tomou tudo, e ainda tomou leite morno. Então o papai pôs Filhinha na cama esmaltada de branco. A mamãe puxou bem as cobertas em volta dela e o papai abriu as janelas para entrar ar fresco. Cassio ergueu um carretel que Filhinha tinha deixado no chão e depois todos os tres, na ponta dos pés, passaram ao outro quarto, para ela poder dormir.

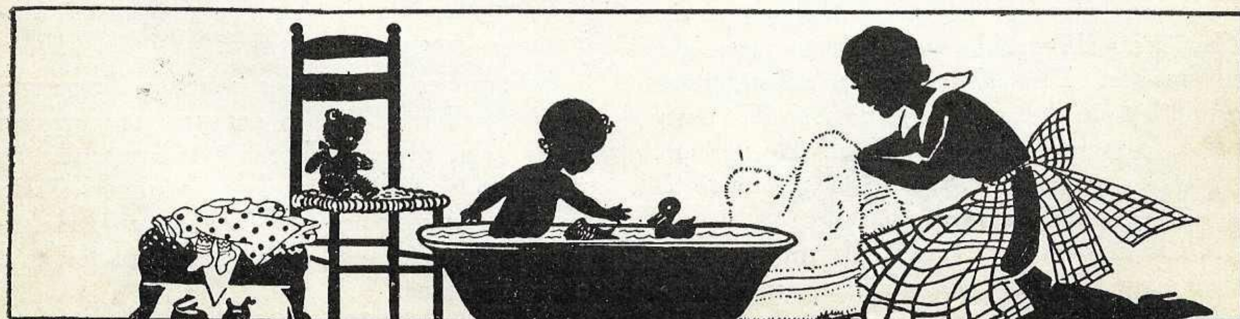
A mamãe deu um beijo na nuca de Cassio. Depois beijou tambem o papai e disse :

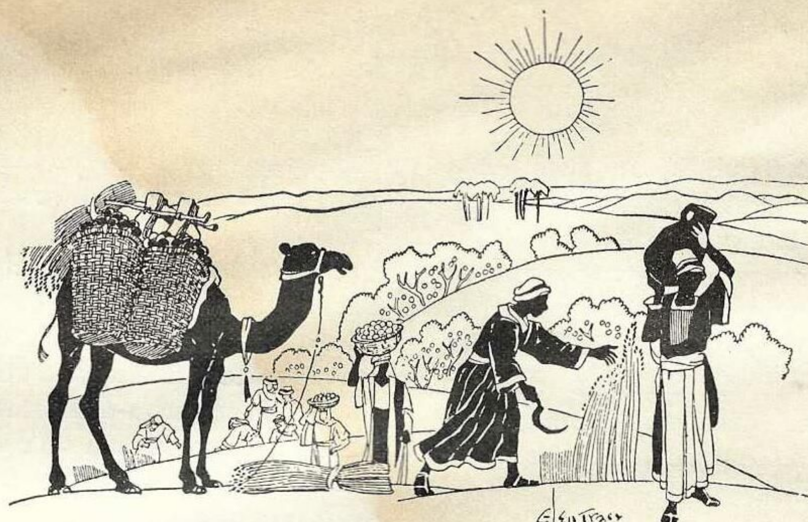
— Agora os meus rapazes precisam jantar.

O papai pôs Cassio sentado nos seus ombros. Quando entravam na sala de jantar, Cassio cochichou ao ouvido do pai :

— Biscoitos !

Papai, mamãe e Cassio sentaram-se à mesa para jantar e os tres estavam muito alegres porque cada um tinha ajudado a tomar conta de Filhinha.





O Cabritinho Divertido

CAPITULO VII

A BATALHA DO BARULHO

Para Diji, o menino tunisino, o ano estava dividido em tres diversos modos de viver. Cerca de três mêses êle e sua tribu ficavam residindo nas pequenas cavernas que lhes serviam de casa, na cidade rochosa de Khattab. Depois vinham muitos mêses de peregrinação à procura de pastagens para os rebannhos. Agora, que havia chegado a época da colheita, a maioria da tribu estabelecia-se por uma temporada num vale onde havia as plantações de figueiras, oliveiras e os campos de cevada.

Essa festa do outono era motivo de grande alegria. Centenas de tendas salpicavam as planuras em torno das terras férteis. Bandos de pastores, que haviam emigrado para longinquas paragens, agora se reuniam. A' noite havia musica e festejos. De dia era um contínuo e agradavel vai-e-vem de todos que trabalhavam na colheita do grão dourado e dos suculentos figos e azeitonas.

A colheita estava ainda a meio quando o vento sul começou a soprar. O pessoal da tribu ficou aborrecido que o vento viesse do sul quente. Eles abanaram a cabeça com inquietação e deram de rijo no trabalho para fazê-lo o mais depressa possivel. De vez em quando um homem parava e punha-se à escuta com toda a atenção.

No segundo dia o vento sul trouxe consigo a atrapalhação que os homens já esperavam. Um zunir longinquo foi crescendo aos poucos. Nuvem carregada apareceu no horizonte e arrastou-se na direção do vale.

— Gafanhotos! gritaram muitas vozes.

— Depressa! Toca a fazer barulho! ordenou o Sheik Beni-Nef.

Todo o povo pegou alguma coisa com que pudesse fazer barulho. Munidos de cornetas, matracas, tambores, vasilhas de metal batidas com paus, a tribu avançou para a Batalha do Barulho, contra a praga da chuva de gafanhotos.

Diji arranjou um balde de madeira que ia bater como se fosse tambor. Ficou só um minuto amarrando um sininho ao pescoço de Zem e já os dois correram para entrar em luta.

Então os gafanhotos vieram — uma nuvem escura de um metro de densidade por trinta e cinco de largura, com dezenas de milhões de insetos verdes de pernas vermelhas e asas brilhantes.

Ao ruido de suas asas respondiam os tambores e cornetas da tribu.

Se aqueles gafanhotos vorazes descessem e se espalhassem pelos campos, devorariam tudo. Em algumas horas estariam núas as planicies ferteis e as ricas vinhas. Tudo ficaria reduzido a um deserto unicamente semeado de troncos de arvores sem folhas e até sem casca.

O unico meio de evitar que a praga de gafa-

nhotos descesse sobre a região era fazer o máximo barulho possivel.

Cada homem, mulher ou criança da tribu marchou ao encontro da nuvem escura com um instrumento qualquer de barulho. E foi uma balburdia daquelas!

Ao lado de Diji cabriolava o fiel Zem, fazendo retinir seu sininho. Ele parecia compreender que toda aquela boa gente estava em dificuldades e que precisava fazer a sua parte para ajudar.

Os gafanhotos afluiram em massa tal que toldaram o sol. Em vez de meio dia parecia tardinha.

— *Ee-ooh!* exclamava Diji, pulando e remexendo-se todo quando um gafanhoto horrivel, de perna vermelha, pousava nas suas costas.

Mas nem porisso deixava um momento de bater no balde.

A tribu passou o dia inteiro na Batalha do Barulho. Ninguem parou nem para beber ou comer.

Diji tinha tanta sede que se sentia queimando por dentro. E êle sabia que o cabritinho Zem devia estar com a mesma sêde. Mas ambos eram soldados de valor, que não desertavam da luta sabendo que cada ruido representava um tiro certo.

Por fim a tribu ganhou a batalha.

Com um zum-zum furioso, sem poder suportar um momento mais aquele suplicio do barulho, a nuvem de gafanhotos alteou-se e velejou para longe, sobre as planicies arenosas. Por algums tempo aqueles milhões de corpos verdes, pernas vermelhas e asas brilhantes refulgiram à luz do ocaso e então desapareceram.

Salvou-se a colheita. Cevada, figos, azeitonas estavam livres da praga. Como o povo rejubilou! Agora êles teriam comida suficiente para todo o inverno.

Diji tambem se sentia feliz. Mas como estava cansado! Nem tinha forças para comer. Ele e Zem enguliram um pouco de agua, comeram um ou dois figos e enrodilharam-se juntos na tenda marron do Sheik Beni-Nef.

— Ah, meu Zem, murmurou Diji antes de adormecer, agora tu és na verdade membro da tribu do Sheik Beni-Nef. Tu nos ajudaste a combater o inimigo e salvar a colheita. Tambem, o inverno todo terás quanta cevada, coalhada e figos secos couberem dentro de ti.

— *Bée-eé!* gritou Zem com alegria.

(*continúa*)

Um ato de coragem

Na coleta do culto da manhã alguém tinha lançado uma concha em vez duma moeda.

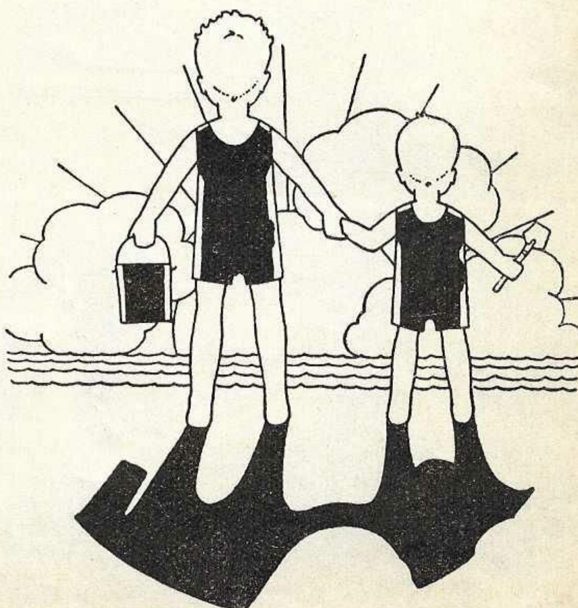
No culto da tarde o ministro referiu-se ao fato, lamentando que naquela congregação alguem fôsse capaz de semelhante gesto.

No fim da reunião, um rapazinho de cêrca de doze anos foi ter com o ministro para lhe dizer:

— Fui eu que deitei a concha na coleta. Agora compreendo que fiz muito mal. Peço que me desculpe.

O ministro costumava dizer que nunca presenceara ato mais corajoso que a confissão dêste rapazinho.

De fato confessar-se autor duma falta quando, humanamente falando, nunca poderia ser descoberto, exige maior soma de coragem do que muitos atos de bravura e heroismo.



Como ensinar seu cão

O leitor tem um cachorro? Gostaria de ter um? Como quer que seja, deve saber treiná-lo. O Dr. Long é grande conhecedor do assunto e o que ele tem a nos dizer a respeito não só é de valor como muito interessante. Haverá uma serie de cinco lições.

A ESCOLHA DO CACHORRO

Um cachorro bem ensinado dá prazer ao seu dono e tal socego aos vizinhos que estes nunca se cansam de admirá-lo. Um sem treino, por outro lado, é às vezes um aborrecimento para seu dono, uma importunação para os vizinhos e nunca é tão feliz quanto o cachorro treinado. De uma coisa pode estar certo : desde as idades remotas o cachorro tem-se esforçado por ser um companheiro do homem, na mais ampla significação da palavra e logo que ele pode perceber o que o dono quer, seu maior prazer é fazer-lhe a vontade. Assim, se resolver treinar um cachorro, comece direito. Ele gosta de ser *bem* treinado.

Só para ganhar sua confiança, permita-me contar um incidente da vida de um cachorrinho *setter*, Rab, que, com dez meses de idade, foi levado a um acampamento nas florestas do Estado de Maine. Ele tinha recebido treino para a cidade (espero que não entenda que foi "domado"), e agora seu treinamento de campo começaria com caçada de perdizes. Chegando à tardinha, saí de minha cabina para dar algum recado na cozinha de campanha, acompanhado bem de perto por Rab. Um trilho estreito conduzia-nos até a porta da cozinha, a cujos lados a Snra. Ellis, espôsa de nosso guia, tinha acabado de plantar um jardim. Na escada, o Snr. Ellis fumava cachimbo com outros tres ou quatro guias. Ao entrar no trilho, virei-me para contar a Rab que a senhora tinha acabado de plantar flores ; que ela não gostaria se ele pisasse no jardim ; e uma porção de coisas mais das quais ele não entendeu nem uma palavra. Era só prosa, compreende, para impressionar os guias que nunca tinham visto um cachorro bem treinado. Realmente orgulhava-me daquele cachorrinho *setter*, como qualquer outro dono em meu lugar. Rematei dizendo ao cachorro :



— Rab, meu cachorrinho, acho que a senhora gostaria mais se você désse a *volta* (acentuando a palavra pela qual ele esperava) em vez de vir por este caminho.

Estando de costas para os guias, eles não podiam ver que à palavra *volta* havia feito um sinal com a mão, mas unicamente que Rab voltou-se e correu à toda ao redor do canteiro de flores, em direção à porta da cozinha, onde esperou por mim, cabeça levantada, cauda abanando e olhos como que perguntando :

— Onde vamos agora ?

Beatificado como ante um milagre, o Snr. Ellis ergueu-se e disse :

— Dr. Long, gostaria que nos ensinasse a treinar um cachorro assim.

— Pois não, Snr. Ellis ; e é um trabalho muito agradável. Para se treinar um cachorro, só são necessárias duas coisas. A primeira é que o senhor. precisa saber mais do que o cachorro. A segunda . . .

— Ora bolas disse o Snr. Ellis, enterrando o chapeu na cabeça, então *eu* desisto.

E era desnecessário explanar a minha "segunda" porque ele era uma dessas pessoas para quem o treino do cão é um mistério. Contudo é bem verdade que se trata de um trabalho simples e muito agradável — se se gosta do cachorro.

Quanto tempo leva? Isso depende do cão, ou melhor, do cachorrinho, porque o treinamento deve começar *antes* de ele adquirir maus habitos. Muitos criadores vendem cachorrinhos com doze semanas, unicamente para evitar maiores gastos com alimentação. Em minha opinião é cedo demais; os cachorrinhos devem ficar com a mãe (se possivel no campo, onde têm toda liberdade para crescer normalmente) até os cinco meses, idade própria para se iniciar sua educação. Então o cachorrinho, com uma lição diária de cinco minutos, aprenderá em cerca de um mês as principais coisas que qualquer cão deve saber, ao passo que outro da mesma ninhada póde levar seis mêses.

Esta diferença entre os cachorrinhos sugere seu primeiro e agradável trabalho — escolher o melhor de uma ninhada. Meu método para os perdigueiros e pode servir para qualquer raça, é fazer um discurso em tom de oratória, como ele nunca ouviu, depois de ter experimentado seu fáro para ver se é apurado ou não. Foi assim que, ha muitos anos, recitando a uma ninhada de oito cachorrinhos a primeira coisa que me veiu à cabeça, escolhi um, extraordinário. Foi uma ou duas linhas da "Declaração da Independencia" e deu tão bom resultado que desde então tenho usado sempre essas frases, embora não tenha a menor dúvida de que um poema de Longfellow serviria da mesma forma.

Sei que parece ridículo falar em fazer discurso para um cachorro, mas experimente e verá. E eis o modo de agir.

Escolhendo um cachorro de boa aparencia, dou-lhe um pedacinho de carne e utilizo-me de outro bocado para atraí-lo atrás de uma cocheira ou rancho, onde possamos estar completamente a sós. Lá, fazendo-o sentar e chamando-lhe a atenção com o indicador levantado, começo sériamente: "Quando, no curso dos sucessos humanos, torna-se necessário a um povo..."

Neste ponto o cachorrinho escancara um bocejo ou acompanha com os olhos uma galinha que passa, ou tamborila sobre o chão com o cotovelo, coçando uma orelha. Enquanto isso eu digo:

— E' pena, meu caro, mas você não serve. Falta-lhe capacidade de concentração, sem falar em estar bocejando às c lebres palavras deThomas Jefferson.

E lá se vai ele de volta para sua familia, não sabendo o que perdeu — que lindos passeios pelos campos; que belos passeios de canôa ao crepúsculo, quando seu faro me avisaria da proximidade de veados, antes que meus olhos os pudessem ver.

Com a mesma isca eu atráio outro cachorrinho atrás da cocheira e recomeço: "Quando no curso dos sucessos humanos —" Por vezes antes da quarta palavra já os olhos do cachorrinho buscam meu rosto, ou ele vira a cabeça para apanhar a entoação de tão retumbantes termos. E' aquele o meu cão. Visto que procura entender mesmo esse discurso tolo, sei que tem boa capacidade de aprendizagem. (*continúa*)



*C*omo *M*auro *V*oltou

O papai tinha dado licença de Mauro ter um cachorro. Ele estava encantado. Há meses que vinha pedindo um bichinho para ser seu companheiro. Por certo que havia o canário, o peixinho dourado e mesmo o gatinho do vizinho, que era como se fosse dele. Ah, mas um cachorro ! E seu, de verdade !

Todas as noites Mauro perguntava :

— Quando vou ganhar meu cachorro, papai ?

Por fim, num sábado, o papai disse :

— Venha comigo, Mauro. Nós vamos ao Depósito Público escolher um cachorro para você.

Eles deram um passeio longo de ónibus, antes de chegar ao Depósito Público, que ficava bem afastado da cidade. Passaram pela ponte da valêta e pelo leito da estrada de ferro. Então desceram diante de um casarão antigo, que a prefeitura havia reformado e adaptado para serviço público. O papai explicou a um funcionário, na entrada, que ele queria tirar um cachorro. O homem conduziu-os por um corredor comprido, cheio de jaulas gradeadas, dos dois lados. Parecia um ja dim zoologico, pensou Mauro, com a diferença de que as jaulas continham só cachorros, em vez de leões e ursos. Havia cães grandes e pequenos, de pêlo liso e encrespado, de uma côr só e malhados. Quando Mauro se aproximava de uma jaula, todos eles corr am perto da grade e começavam a conversar com o menino.



— Au, au, au ! Leve-me para sua casa ! pediam todos os cachorros.

Mauro parou, hesitante. E não era para menos ! Quantos cachorros ! E como gritavam !

— Uauu — uauu ! Olhe para mim ! pediu um grande cão policial, todo preto, metendo o focinho entre as grades.

— Ui-uiiii ! choramingou um cachorro amarelo. Eu sou do seu gosto !

— Posso levar todos ? pediu Mauro ao pai.

— Só um ! retrucou o papai com firmeza. Onde é que você, mamãe, o nené e eu iriamos parar, com a casa cheia de todos esses cães ?

Mauro viu logo que o pai tinha razão. Ele foi espiando de uma jaula para a outra, para escolher que cachorro levaria. Em certo momento pensou que seria um pequeno, de um preto lustroso. Depois, inclinou-se por um castanho, muito vivo. Afinal avistou um cãozinho novo, malhado de preto. Estava de lado, como que envergonhado, mas seus ternos olhos castanhos pareciam pedir a Mauro que o levasse.

— Concordo, declarou o papai. Parece um bom cachorrinho.

— Posso levar dois, papai ?

Mauro ainda estava com os olhos postos no cachorro preto.

— Só um ! disse o papai. O resto vai ficar para outras crianças que querem cachorros.

Então o papai pagou ao funcionário a multa para retirar de á o cachorro e a licença para ele — uma placa de metal, com um numero, que devia usar ao pescoço.

— Vou dar-lhe o nome de Melado, porque ele parece muito amoroso, disse Mauro, de volta para casa.

O papai concordou com o nome, a mamãe tambem, e o nené, quando lhe perguntaram, disse *ba-ba-ba*, que era como respondia a tudo.

O papai ajudou Mauro a dar um banho quente no Melado e enfiou a placa da licença numa coleira para ele. A mamãe aprontou-lhe um prato de angú com carne e ossos e Mauro, uma lata com agua. A' noitinha ele forrou com um pedaço de cobertor velho um caixote que dava bem para Melado dormir.

Dias a fio Mauro e Melado brincaram muito alegres no quintal.

Mas num certo sábado, enquanto Mauro ajudava a mãe a limpar uns canteiros, Melado desapareceu.

Mauro andou em volta do quarteirão, assobiando e chamando seu cãozinho. Ele perguntou no armazem da esquina seguinte e no açougueiro, logo adiante, mas ninguem sabia nada do Melado.

"Estou com medo que o Melado tenha voltado ao Depósito Público", pensou Mauro.

Naturalmente, Melado não podia ser preso na carrocinha de cachorros, porque tinha a coleira da licença. Mas quem sabe tinha sentido saudades daqueles bons colegas do Depósito: daquele preto, lustroso; do amarelo, e de tantos outros.

O papai não estava em casa aquela tarde. Mas Mauro pensou que podia ir ao Depósito a pé. Pôs-se a caminho o mais depressa que podia. Andou, andou, até ficar muito cansado, e nem assim chegou ao Depósito. De repente, Mauro lembrou que não tinha pedido licença à mãe para sair de casa. Tão aflito tinha ficado com o desaparecimento de Melado que se esquecera disso. Agora ele queria voltar para casa.

Virou-se e começou a andar de volta. Caminhou muito e nem sequer avistou sua casa. Mauro ficou primeiro admirado; depois, assustou-se. Não estava conhecendo aquelas ruas, nem aquelas casas. Não sabia mais o caminho para sua casa, nem de que lado devia ficar o Depósito.

"Estou perdido", pensou Mauro.

Tão grande era o seu cansaço que se sentou em baixo de uma arvore, fechou os olhos e . . .

Mauro levou um susto. Tinha ele dormido ou estava ainda sonhando? Uma criaturinha pulara no seu colo e esfregava o focinho frio no rosto do menino.

— Melado! De onde você veiu? perguntou Mauro.

Melado revirou-se todo e latiu alegre. Ninguem poderia dizer qual dos dois estava mais alegre com o encontro.

— Vamos voltar para casa. Mamãe já deve estar aflita, disse Mauro.

Melado disparou na frente, como se soubesse bem o caminho de casa. Mauro seguiu o cãozinho. Dobrou uma esquina, andou uma quadra e — pronto, estava diante do armazem, onde vinha fazer compras para a mãe! Era aquela a sua rua. Lá estava a casa!

Melado e Mauro entraram correndo. A mamãe veiu da cozinha e sorriu para eles.

— Onde vocês estiveram? ela perguntou. Já estava ficando preocupada.

— Eu fui procurar o Melado, explicou Mauro; só que foi êle quem me achou.

Um preguiçoso e o Bicho da Sêda

— Feliz a borboleta! livremente
Voa para onde quer, onde lhe apraz! —
Dizia, lamentando-se um rapaz,
Na escola negligente.

— Estudar, estudar um dia inteiro,
Não pode haver mais duro cativeiro!

— Bicho da sêda, poderás dizer me
Se, alegre, essa prisão vais fabricando? —
— Faço a até com prazer – responde o verme–
Pois cá de dentro sairei, voando.

Antonio de Azevedo Castelo Branco.



apesar dos pesares

UM LUTADOR INCANSAVEL

No ultímo dia de Novembro de 1852 nasceu um menino perto de uma aldeia, no país de Gales. O orgulhoso pai, que era o sapateiro do lugar, levou a criança no mesmo dia para ser batizada com o nome de Henry Jones.

Os páis de Henry eram pobres, e os avós, se possivel, mais ainda. O avô trabalhava nos dominios de um fazendeiro e, à medida que envelhecia, seus ordenados iam sendo frequentemente reduzidos até chegar a receber uma quantia insignificante. O pobre velho não resistiu a tanta provação e morreu.

A casa em que nasceu Henry era muito pequena. Consistia em uma sala em baixo, de tres metros quadrados, e outra igual em cima. A de baixo estava sempre superlotada. Servia ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar e sala de visitas. Ali sete pessoas tomavam diariamente suas refeições. Arranjar lugar para todos era problema que tinha uma unica solução — comerem as crianças aos grupos. O pequeno Henry, que tinha grande pressa de ir fóra brincar, frequentemente tomava suas refeições em pé ou sentado à soleira da porta.

Quando nasceu uma irmãzinha de Henry, todos ficaram preocupados em como se arranjaria espaço para um bercinho naquela sala tão cheia. Encontrou-se todavia um expediente. O berço ficou suspenso do forro por uma corda. Sempre que a criancinha chorava, a mãe mandava um dos irmãos puxar a cordinha, que assim balançava o berço. Muitas vezes Henry teve que interromper seus brinquedos para puxar aquela corda.

Lutava-se constantemente com a miseria nesse lar, pois Elias Jones, o pai de Henry, recebia muito pouco. O alimento era simples mas sadio, consistindo na maior parte de pão, leite e sopa de aveia. Desconheciam-se momentos de lazer naquela casa. O dia todo ela estava movimentada. Ou a mãe cozinhava, ou o pai aquecia seus instrumentos ao fogo, ou uma criança pedia pão com manteiga, ou um vizinho vinha vêr se seus sapatos estavam prontos e ficava para uma prosa. Apesar da pobreza, que às vezes era rigorosa, aquele lar era feliz, pois todos se ajudavam mutuamente.

Henry não gostava de frequentar a escola da aldeia, como, aliás, as outras crianças do lugar. O professor era cruel e ignorante. Raramente a temivel varinha não se encontrava nas suas mãos. Qualquer falta ou engano era severamente punida. Se uma criança cochichava e o mestre não sabia qual era, espancava a escola inteira. Por isso havia choro e lamento todo o tempo e não era para admirar que, ao toque das quatro horas, os alunos respirassem mais livremente.

Quando chegavam as férias de Junho, os meninos eram mandados em grupos para apanhar nabos nas fazendas mais próximas. As cinco semanas de férias eles as gastavam inteiras nesse trabalho. Ganhavam pequena diária que ainda era mais reduzida se o fazendeiro fornecia a comida. Henry Jones desde os cinco anos e meio ia ajudar os irmãos nesse duro trabalho. A' tardidinha ele por vezes estava tão exhausto que voltava para casa carregado pelos meninos maiores.

Ainda muito pequeno principiou a aprender com o pai a fazer e concertar sapatos. Sua maior ambição na vida era tornar-se um bom sapateiro. Certa vez um incidente deixou-o muito orgulhoso. As biqueiras para sapato estavam entrando em moda e tinham que ser cuidadosamente costuradas. Quando chegou a ocasião de colocá-las, Elias Jones não confiou em si mesmo para tal tarefa e foi à escola buscar Henry para que ele fizesse a costura.

Aos doze anos o menino deixou a escola para ser aprendiz de sapateiro. Foi para ele feliz o momento em que vestiu o avental de couro. Sua mãe queria que fosse ferreiro ou jardineiro, como seus irmãos, ou vendeiro, qualquer coisa, enfim, diferente do officio do marido; mas Henry obstinadamente não lhe quis dar ouvidos. Tinha já feito sua escolha. Seria sapateiro como o pai. A pequena oficina em que ambos trabalhavam ficava no puxado da casa. A sala era tão pequena que os dois sapateiros tinham de ficar em cantos opostos para não terem os seus movimentos mutuamente embaraçados. A's vezes tomava assento ainda um ajudante contratado, e sucedia mesmo arranjar-se um quarto

lugar para o carteiro da aldeia, que trabalhava fazendo e concertando botinas de senhoras, no intervalo entre as distribuições da correspondencia.

Henry costumava pensar que era tanta a exiguidade de espaço para a vida privada que até seria impossivel guardar alguem os seus proprios pensamentos.

Em breve se tornou bom sapateiro. Longas eram as horas e duro o trabalho, mas nunca lhe faltava disposição para o fazer. Foi então que um acontecimento alterou grandemente a sua vida. Um rapaz de nome Tom Redfern, mais ou menos da sua idade, foi para Llangernyw tomar conta da escola. Unidos por amizade, Henry veiu a saber da ambição de Tom de entrar para a universidade. Em breve Henry se sentiu inflamado do mesmo ideal, posto que só pensar em semelhante coisa fosse loucura para êle, rodeado de tanta pobreza e com uma educação tão negligenciada.

Henry ficou muito triste por algum tempo. Não via possibilidade alguma de realizar sua ambição. Contudo, seu proposito se reforçava e êle decidiu congregar todos os seus esforços para atingir o alvo desejado. Afinal fizeram-se arranjos de modo a lhe ser permitido frequentar uma escola na localidade de Pandy, a alguma distancia dali, tres dias por semana. Nos outros tres dias trabalhava na sua profissão com mais afinco que nunca. Havia cada ano um concurso para se determinar os que receberiam a "pensão da rainha" (Queen's Scholarship) para sua manutenção na Escola Normal de Bangor. Henry resolveu aproveitar-se disso, embora a tarefa parecesse acima de suas forças. Ele ia dormir às oito horas da noite; à uma da madrugada o guarda-noturno batia em sua janela. Levantava-se, vestia-se e embebia-se nos seus livros até de manhã. Havia tanto que aprender que por vezes quasi desesperava.

Chegou finalmente a ocasião de tentar o exame. Foi para Bangor assustado e trêmulo. Um dos irmãos emprestara-lhe roupa e outro um relogio. Ficou na escola durante os dias de exame. Era grande o numero de concorrentes e só a alguns seria conferido o premio. Henry sentiu-se ofuscado com o preparo e boa aparencia da maioria dos candidatos. Arrependeu-se vivamente de se ter apresentado. Quando se encontrava só, chorava como uma criança, julgando que não tinha a minima probabilidade de vencer. Porém, apesar de extremamente nervoso e confuso, esforçou-se ao maximo e, ao serem publicados os resultados dos exames, semanas após, seu nome se achava na lista dos melhores classificados.

Entrou então para a Escola Normal de Bangor, onde estudou com afinco por dois anos. Tinha de ser extremamente parcimonioso devido ao pouco dinheiro de que dispunha. Por todo esse tempo manteve-se o primeiro da turma e, em 1873, quando tinha completado apenas dezenove anos, designaram-no para a escola de Byrnamman, uma aldeia de mineiros no país de Gales. Lecionou lá durante dois anos, cercado pela estima de seus alunos e do povo da aldeia. Em 1875 passou nos exames vestibulares para a universidade de Glasgow.

Os anos em Glasgow foram para Henry Jones cheios de grande interesse. A par de estudo severo, lutava constantemente com a pobreza. Seus pais não estavam em condições de o ajudar, pelo que ocasiões houve quando quasi lhe pareceu necessario desistir de estudar. Contudo, sempre se lhe abria um caminho que o habilitava a prosseguir. No fim do periodo candidatou-se a um exame que representava a honra mais cobiçada entre os estudantes. A principio não tinha intenção de tentá-lo, mas um dos professores, que se interessara por ele, persuadiu-o a tal. Para sua grande surpresa Henry Jones ganhou o premio entre os alunos de mais reconhecido valor da universidade. Além de ser grande honra, gratificava-o com 225 libras anuais por quatro anos. Pela primeira vez em sua vida Henry Jones soube o era pagar as suas despesas e ainda ter um excedente.

Um grande dia raiou para êle, quando, em 1884, foi eleito professor da Escola Normal de Bangor, no país de Gales. Passou alí varios anos, até se tornar professor da universidade de Santo André, na Escocia. Tres anos depois, anos de intenso trabalho, de grande poder e larga influencia, foi eleito para o importante cargo de professor de Filosofia Moral na universidade de Glasgow. Era uma das cadeiras de maior responsabilidade nas universidades da Grã-Bretanha, uma posição que podia ser preenchida sómente por um grande homem de letras, e Henry Jones a ocupou com honra para si e grande proveito dos alunos, durante vinte e oito anos.

De aprendiz de sapateiro ascendeu a uma

posição de grande influencia. E a estrada de sua vida não foi de molde a encorajar. Unicamente pela sua extraordinaria perseverança e espirito invencivel logrou vencer na luta tremenda contra a pobreza, a que por vezes quasi sucumbiu. Durante a grande guerra ele fez muitas conferencias na Inglaterra e nos Estados-Unidos. Seus tres filhos foram para a guerra, o menor dos quais morreu na França. Henry Jones faleceu em 1922, deixando a lembrança de uma vida admiravel.

MEU PAI DIRIGE OS COMBO'IOS

No ano de 1888 o grande missionário Hudson Taylor passou uma temporada na cidade de St. Louis, fazendo conferencias com o fim de despertar o interêsse dos crentes daquela cidade pela obra missionária na China. Terminada essa abençoadissima campanha num domingo, devia Hudson Taylor seguir na segunda-feira de manhã para a cidade de Springfield para fazer uma conferência anunciada para as 20 horas dêsse dia.

O pastor que o havia hospedado durante a campanha em St. Louis, o Dr. Brookes, era um homem muito íntegro e que sofria imenso com faltar a qualquer compromisso. Mandou portanto ao cocheiro que pusesse a carruagem à porta a uma hora que marcou e que daria tempo mais que suficiente para Hudson Taylor apanhar o combóio para Springfield.

Por qualquer razão, o cocheiro demorou muito e iam já chamar um carro de praça quando encontraram a carruagem. O pastor ia muito preocupado com a idéia da probabilidade de o seu amigo perder o combóio. Mas Hudson Taylor, sempre calmo, respondia : "Meu Pai dirige os combóios : estou ao Seu serviço".

Quando chegaram à estação, o combóio para Springfield tinha partido, e só à noite haveria outro. O Dr. Brookes ficou em extremo arreliado, mas de novo Hudson Taylor observou tranquilamente : "Meu Pai dirige os combóios".

Quando se retiravam da bilheteria, Hudson Taylor foi cordialmente saudado por um homem que lhe disse : "Estava receando tanto já não o encontrar ! Queria dizer-lhe como Deus se serviu do senhor para me abençoar." E ao despedir-se passou-lhe para a mão um envelope com a indicação : *Para uso pessoal.* Hudson Taylor fêz notar ao seu companheiro como Deus lhe enviava novas provisões e explicou-lhe que mesmo na China nunca usara para si senão as ofertas que recebia marcadas daquela maneira : *Para uso pessoal.*

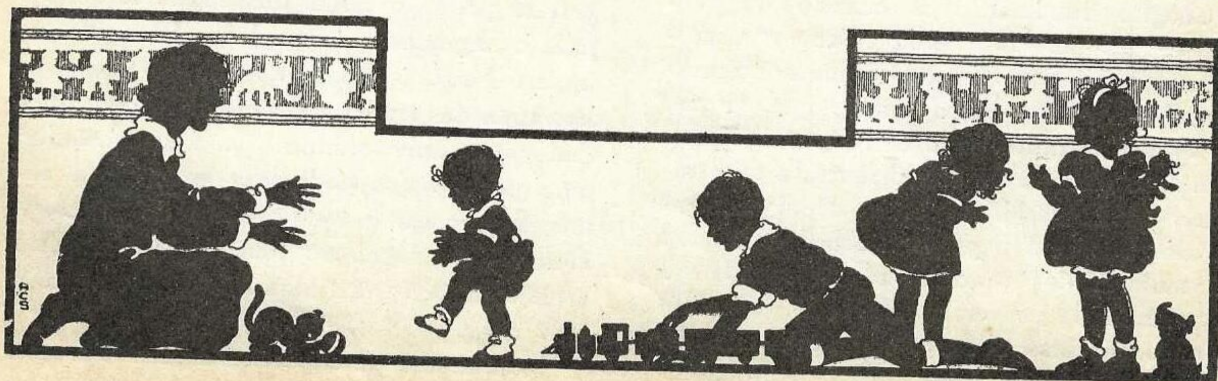
Depois dirigiu-se vagarosamente para um empregado e disse-lhe que tinha um compromisso para as 20 horas em Springfield. Haveria maneira de lá chegar antes dessa hora ? O homem respondeu que havia um combóio para uma cidade intermediária, e que por essa cidade passava um combóio que ia de Chicago para Springfield ; mas êste devia passar na tal cidade uma hora antes de chegar o de St. Louis.

Hudson Taylor disse logo com grande convicção que nesse dia o combóio de St. Louis chegaria primeiro que o de Chicago à tal estação, e em conformidade, comprou o bilhete e meteu-se no combóio, dizendo ao Dr. Brookes que ficasse descansado pois que sem dúvida alguma "seu Pai dirigia os combóios".

Pela primeira vez em dezoito meses o combóio de Chicago chegou com atraso de uma hora. Hudson Taylor mudou-se de um combóio para outro, chegou a Springfield muito a tempo e telegrafou ao Dr. Brookes: "Meu Pai dirige os combóios".

Os passos do justo são dirigidos pelo Senhor. — Sal. XXXII 23

Versão de *Raul Pinto de Carvalho.*





quem é que sabe ? . . .

1) Completar : *A vara e a repreensão dão sabedoria, . . .* ?
2) Porque Quito, situada no Equador, tem clima fresco ?
3) Desde quando data o jogo de damas ?
4) Que rei de Corinto recebeu a pena perpetua, após a morte, de empurrar uma pedra ao topo dum morro, donde ela tor ava a cair ?
5) Qual foi a causa da grande emigração da Irlanda em 1848 ?
6) Porque nunca foi terminada a Torre de Babel ?
7) Quem foi o traidor brasileiro na guerra com os holandêses ?
8) Que famoso inventor iniciou suas investigações científicas num pequeno laboratorio, no canto de um carro ferroviario ?
9) Que juiz de Israel foi chamado por Deus quando era criança ?
10) Quem foi o autor do *Alcorão* ?
11) Que país europeu foi conhecido pelos romanos antigos pelo nome de Helvecia ?
12) Em que romance se encontra o indio Pery ?
13) Que palavras Antonius Stradivarius esculpia nos seus violinos ?
14) Porque o canario não cái do poleiro quando está dormindo ?
15) Qual é a capital do Estado de Paraíba ?

Respostas ás perguntas de Março :

1) *Pois assim amou Deus ao mundo, que deu seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.*
2) Groenlandia.
3) A Guerra de Tróia.
4) Havana.
5) Josephine de Beauharnais e a Arquiduquêsa Maria Luiza da Austria.
6) *Faust.*
7) Vinte e sete.
8) Lucas.
9) Pintura, escultura, arquitetura e musica.
10) Martim Affonso de Souza.
11) Quatorze.
12) Victor Hugo.
13) Yosemite, na California.
14) Ele tinha, até Julius Cesar e Augustus roubarem cada qual um dia de Fevereiro para os mêses seus homónimos — Julho e Agosto.
15) Ela tem nos pés cabelos que a prendem por sucção.

Oração

Adapt. de Kuhlau

1. Vem a - ben - çoar - nos ó Pai ce - les - tial Em to - dos
2. Vem a - ben - çoar - nos ó Pai ce - les - tial e teus fi -

gra - va a li - ção do - mi - ni - cal. Por mais es - te di - a
lhi - nhos li - vrar de to - do o mal. Dó - ceis, ver - da - dei - ros,

de a - do - ra - ção nós te lou - va - mos de to - do o co - ra - ção.
nós que - re - mos ser, com Je - sus Cris - to em tu - do pa - re - cer.